

**7º Simpósio de Ensino de Graduação****DESCRIÇÃO DE UM PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO ÀS FAMÍLIAS, DE CRIANÇAS E JOVENS
COM COMPORTAMENTOS TÍPICOS DE AUTISMO****Autor(es)**

ROSANA DA SILVA BUENO

Co-Autor(es)

MAYARA KETMAN TONIM
ANDRÉA NASCIMENTO
PAULA SALINAS PIRES
FERNANDA PERIN
PRISCILA P. MARCOLAN
FERNANDA PIAZENTIN
INAÍÁ PAES LUCHIARI
LARISSA DE ARAÚJO ESTEVES
MARIANE CRISTINE SEHN**Orientador(es)**

LEILA M. DO A. C. ALMEIDA

1. Introdução

Para muitas pessoas ser deficiente “caracteriza-se por ser uma pessoa incapaz de produzir, de criar, de participar, que necessita do auxílio de terceiros para se alimentar, vestir, passear, que muitas vezes possui dificuldades na comunicação e que a maioria está trancada dentro de suas casas ou em instituições especializadas”. Glat (1998, p. 11) acompanha esta possibilidade de respostas em sua afirmação a respeito.

Mas o que realmente significa a deficiência ou ser deficiente? Alguns estudiosos conceituam a deficiência como algum atributo inerente à pessoa deficiente como algo que caracteriza o seu organismo ou o seu comportamento. Para Omote (1996) existem dois conceitos que são atribuídos à pessoa caracterizada como sendo deficiente. Um deles está “concebido como redução em alguma capacidade ou desempenho” (p. 130), ou seja, atribuído a alguma carência ou insuficiência. O outro conceito se caracteriza pelas “características apresentadas por pessoas identificadas e tratadas como deficientes” (p. 130), o caso das pessoas que possuem deficiências visíveis, os cadeirantes, deficientes visuais, auditivos etc.

Bregantini (2002) relata que, ao longo da história, os deficientes eram tratados como “seres idiotas e retardados”. Com o passar do tempo essas pessoas foram sendo classificadas com outros diferentes rótulos: excepcionais, portadores de deficiência, portadores de necessidades especiais e, mais recentemente, pessoa com deficiência, com o intuito de minimizar o preconceito, porém, continua-se a classificar as pessoas com deficiência em categorias, que são divididas de acordo com o tipo e o grau de comprometimento: motor, mental, visual, auditivo e múltiplo.

O principal entrave para pessoas com deficiência é no que se trata de educação e inclusão. Na pedagogia a educação especial é um campo caracterizado pelas flutuações de representações onde não há uma separação textual nos modelos conceituais. Atualmente temos dois olhares distintos que parecem disputar qual seria o mais adequado em educação especial: a perpetuação ou a extinção da

educação especial.

O ambiente familiar é importante para o desenvolvimento de qualquer criança quando falamos em crianças com necessidades especiais, essas ficam muitas vezes nas mãos dos educadores e os pais prestam um papel secundário. O suporte dado à criança com necessidades especiais e sua família é realizado por profissionais aptos para mediar melhores adaptações na vida dessa criança, tanto no âmbito social, familiar, médico ou escolar.

Essa relação entre profissionais e familiares faz-se muito importante à medida que muitos dos pais de crianças com necessidades especiais sentem-se de certa forma abandonados, por muitas vezes não encontram na sociedade suporte, ajuda para lidarem com seus filhos.

E para isso, muitas instituições são criadas a fim de colaborar na inter-relação de pais e filhos com necessidades especiais. Dentre essas inúmeras instituições, o presente trabalho escolhe a Associação de Pais e Amigos dos Autistas de Piracicaba (AUMA) para descrever a relação familiar de crianças portadoras do autismo.

A Associação de Pais e Amigos dos Autistas de Piracicaba (AUMA), foi fundada por João Bispo Aragão. João teve um filho diagnosticado como autista aos três anos de idade e procurou assistência para o filho pela região. Como a distância dificultava a rotina da família no empenho em tratar seu filho, e conhecendo outras famílias que passavam pela mesma dificuldade, decidiu em 1999 fundar o AUMA.

A AUMA provê educação, terapia ocupacional, apoio psicológico e fonoaudiólogo, essenciais para o tratamento de crianças autistas, além de fornecer cursos e palestras para a família aprender a lidar com o autista e promover debates com a sociedade e entidades. Os pais promovem rifas, bingos, jantares beneficentes e outros meios para arrecadar fundos à instituição.

A Associação funciona para orientar a família e os próprios autistas, chamados de assistidos. É filantrópica e atende 17 destes, sendo apenas um do sexo feminino. Para que o autista possa participar da associação, ele e a família passam por uma triagem e são necessários uma prescrição médica de um psiquiatra com o diagnóstico. Essa é a única associação na cidade de Piracicaba que atende exclusivamente a essa necessidade.

2. Objetivos

Objetivo Geral

Descrição de um programa de orientação às famílias, de crianças e jovens com comportamentos típicos de autismo.

Objetivos Específicos

- 1) Caracterização de um programa de atendimento a crianças e jovens com comportamentos típicos de autismo;
- 2) Caracterização dos comportamentos incomuns dos usuários e das queixas apresentadas por seus familiares;
- 3) Caracterização do programa de orientação e apoio para a família, objetivos e estrutura do programa.

3. Desenvolvimento

Para iniciar o trabalho de pesquisa primeiramente foram realizadas algumas leituras sobre temas relacionados ao autismo. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se entrevistas, inicialmente abertas e posteriormente, semi-estruturadas com a terapeuta ocupacional, psicóloga e com a assistente social da instituição. O uso de entrevistas é instrumento privilegiado de coleta de informações, uma vez que a fala, meio com o qual se operam as entrevistas, é reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, sentidos e representações de suas práticas, bem como do grupo que eles representam. Alguns dos itens que funcionaram como eixos norteadores das entrevistas foram: funcionamento da instituição, número de autistas da mesma, caracterização destes e da instituição, existência de um programa de orientação e apoio para as famílias, objetivos e estrutura do programa.

No total, foram marcadas quatro entrevistas, a primeira foi feita com a terapeuta ocupacional, que é a coordenadora da instituição, e com a psicóloga, na qual nos foi apresentada à instituição e a maneira como trabalham com os alunos, a segunda entrevista foi marcada com a terapeuta ocupacional, porém, esta faltou por problemas particulares, a terceira foi feita com a terapeuta ocupacional e a assistente social, com o objetivo de colher informações sobre os programas de intervenção com as famílias dos usuários da instituição, na quarta entrevista com a psicóloga e a assistente social nos foi relatado uma visita domiciliar, os procedimentos de intervenção e os objetivos da mesma, na quinta entrevista com a psicóloga e a terapeuta ocupacional levamos as tabelas para serem preenchidas com os dados necessários para conclusão do trabalho. Após as entrevistas ocorreram à participação de duas alunas na oficina de bijuterias, e outras duas na reunião na Ordem dos Advogados do Brasil de Piracicaba (OAB) para orientação da família dos direitos do autista.

Dados relativos aos sujeitos da pesquisa:

Participantes: uma psicóloga, uma assistente social, uma terapeuta ocupacional e 17 famílias dos usuários da instituição, AUMA.

Os sujeitos da pesquisa, para a realização do presente trabalho, participaram de livre e espontânea vontade, foram entrevistados e/ou observados pelas alunas.

4. Resultado e Discussão

A partir das entrevistas realizadas pudemos perceber que segundo os profissionais entrevistados, o principal objetivo do trabalho realizado por estes é evitar as crises, sendo estas situações de agressividades expressadas pelos assistidos, como a instituição denomina as crianças e os jovens por esta atendidos, de diferentes maneiras.

Dentro da instituição, os alunos são separados por salas conforme a idade, tamanho e grau de dificuldade, cada sala possui uma professora responsável, e quando precisam de orientação recorrem à psicóloga ou a terapeuta ocupacional que possuem conhecimentos suficientes para lidarem com situações inesperadas apresentadas pelos assistidos.

Dentro dessa associação, existem vários projetos, dentre eles, pode-se destacar: visitas domiciliares, grupo de bijuterias, reunião com os pais e atendimento individualizado aos pais quando necessário. O primeiro procedimento de intervenção acontece toda terça-feira da terceira semana do mês, nessas visitas o grande desafio é ver se existe (e quase sempre existe) a contraposição do que as mães relatam nas reuniões e o que realmente acontece dentro de casa.

A visita tem também como objetivo verificar se os irmãos estão engajados com o autista, já que essa é uma grande preocupação da instituição, trazer os irmãos para mais perto dos autistas.

O grupo de bijuterias, recém inaugurado, acontece uma vez por mês, tem como finalidade promover a vida social das mães, que muitas vezes são enclausuradas, pois alguns dos filhos não conseguem sair de casa e também, integrar essas mães para que se sintam mais valorizadas e para que possam trocar experiências. .

Há também uma reunião com a família e com uma advogada para informar essas dos benefícios legais e os direitos dos autistas. Nesta a pedido do AUMA há uma palestra a fim de apresentar e esclarecer leis que amparam, trazendo assim, várias opções para situações possíveis com seus filhos autistas.

As queixas que os pais apresentam são variáveis, e podem estar relacionadas ou não com os comportamentos incomuns apresentados pelos assistidos. É dessa mesma forma, que ocorrem os procedimentos, ou seja, as orientações são dadas conforme o que foi apresentado pela família ou quando os profissionais da instituição sentem necessidade.

Assim, pode verificar que os procedimentos utilizados pelos profissionais para o enfrentamento da queixa apresentada pela família são:

- atuação do serviço social auxílio financeiro (como fornecimento de cesta básica);

- orientações e intervenções para família de acordo com cada caso específico;
- apoio psicológico;
- imposição de rotinas (horários para realização de tarefas, hábitos adequados, etc);
- encaminhamentos específicos (nutricionista, médicos, fonoaudiólogos, etc).

5. Considerações Finais

Os dados encontrados são importantes, pois possibilitam uma melhor compreensão das estratégias utilizadas pelo profissional psicólogo, dentro de uma instituição de atendimento a crianças e jovens com comportamentos típicos de autismo. Percebemos que o trabalho acontece através de uma equipe multiprofissional, onde o psicólogo não atua sozinho, conta com orientações de Terapeuta Ocupacional, Assistente Social e Professores.

Diante uma enorme variedade de comportamentos incomuns apresentados pelos assistidos, vê-se uma demasiada dificuldade em lidar com estes. É importante salientar que não existe na literatura uma maneira correta para lidar com esses, já que estes comportamentos acontecem diante de situações inesperadas, onde os profissionais são obrigados a recorrer a instrumentos próprios do conhecimento. Apesar de toda dificuldade e disponibilidade que se exige, esta instituição empenha-se em auxiliar as famílias já que são muito sofridas, pois desde o momento em que o filho é diagnosticado como autista estas famílias tem sua dinâmica transformada para a vida inteira, e por isso prezam de apoio em todos os aspectos: social, psicológico, econômico.

Além disso, é dado a importância da existência dessa Associação, cujo objetivo é fornecer uma melhor qualidade de vida para os autistas e sua família, pois na sua ausência as famílias não teriam outro meio a recorrer

Referências Bibliográficas

BARBOSA, R. N. A exclusão dos indivíduos considerados autistas na sociedade atual. Trabalho de Conclusão de Curso – Piracicaba: UNIMEP, 2007.

CARVALHO, E. S. de; Maciel, D. M. M. de. Nova concepção de Deficiência mental segundo a American Association Retardation - AAMR: sistema 2002. Temas em Psicologia, v. 11, n. 2, p. 147-156, 2003

CAETANO, Dorginal, trad. Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10. Descrições clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Porto Alegre, 1993

COLL, César; Marchesi Álvaro; PALÁCIOS, Jesús & Colaboradores – A família de crianças com necessidades especiais. Cap. 17. Desenvolvimento psicológico e educação, 2ª edição Ed. Artmed, 2004.

OMOTE, Sadao. Perspectivas para conceituação de deficiências. Revista Brasileira de Educação Especial, p.127 – 135, 1994

SCHWARTZMAN, J. S.; Assumpção, B. F. Autismo Infantil. São Paulo: Memnon, 1995

SKLIAR, Carlos. Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva. Cap. 1. A inclusão que é “nossa” e a diferença que é do “outro”, São Paulo: Summus, p. 15 - 34, 2006